

Autora com 11 milhões  
de livros vendidos

# KATE MORTON

A prisioneira do  
tempo

*Ninguém se lembra do meu verdadeiro nome.  
Ninguém sabe a verdade sobre aquele verão.*

Título original: *The Clockmaker's Daughter*

Copyright © 2018 por Kate Morton  
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Rachel Agavino

*preparo de originais:* Beatriz D'Oliveira

*revisão:* Luis Américo Costa e Pedro Staite

*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Pan Macmillan UK

*imagens de capa:* Shutterstock (desenhos);  
Alex Killian / plainpicture (abrunhos e amoras-pretas);  
Greta Ivy / Creative Market (ilustrações botânicas)

*adaptação de capa:* Gustavo Cardozo

*impressão e acabamento:* Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M864p Morton, Kate

A prisioneira do tempo / Kate Morton; tradução de  
Rachel Agavino. São Paulo: Arqueiro, 2020.  
448 p.; 16 x 23 cm

Tradução de: The clockmaker's daughter  
ISBN 978-85-306-0132-4

1. Ficção americana. I. Agavino, Rachel. II. Título.

20-62118

CDD 813

CDU 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados no Brasil por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

Para Didee, por ser o tipo de mãe que nos levou  
para viver no alto de uma montanha e por me dar  
o melhor conselho sobre escrita que já recebi.

PARTE UM  
A BOLSA



# I

**N**ós viemos para Birchwood Manor porque Edward disse que era uma casa mal-assombrada. Não era, não naquela época, mas apenas um homem entediante deixa a verdade atrapalhar uma boa história, e Edward nunca foi entediante. Sua paixão, sua fé cega em tudo que professava, foi uma das coisas pelas quais me apaixonei. Ele tinha o fervor dos pregadores, uma maneira de expressar opiniões como se as gravasse em moedas reluzentes. Sabia atrair pessoas, despertar nelas um entusiasmo que não conheciam, fazendo com que tudo desaparecesse e restassem apenas ele e suas convicções.

Mas Edward não era um pregador.

Eu me lembro dele. Eu me lembro de tudo.

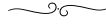
O estúdio com teto de vidro no jardim da casa da mãe dele em Londres, o cheiro de tinta recém-misturada com pigmento, o roçar das cerdas na tela enquanto seu olhar percorria meu corpo. Meus nervos naquele dia estavam à flor da pele. Eu estava ansiosa para impressionar, para passar uma imagem de algo que eu não era, e, enquanto seus olhos esquadriavam minha pele, a súplica da Sra. Mack rondava minha mente: “Sua mãe era uma dama de verdade, sua família era importante, não vá esquecer isso. Jogue bem suas cartas e todos os nossos esforços serão recompensados.”

Então me empertiguei na cadeira de pau-rosa, naquele primeiro dia na sala caiada atrás do emaranhado de flores rosadas.



A irmã caçula dele me trouxe chá e bolo quando fiquei com fome. A mãe também veio pelo caminho estreito para vê-lo pintar. Ela venerava o filho. Vislumbrava nele a realização das esperanças da família. Membro distinto da Escola de Artes da Academia Real, noivo de uma mulher de certa posição, em breve pai de herdeiros de olhos castanhos.

Moças do meu nível não eram para ele.

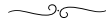


A mãe dele se culpava pelo que viria a acontecer, mas teria sido mais fácil impedir o dia de encontrar a noite do que nos manter separados. Ele me chamava de sua musa, seu destino. Disse que soube imediatamente, quando me viu à nebulosa luz das lamparinas a gás do foyer do Teatro Drury Lane.

Eu era sua musa, seu destino. E ele era o meu.

Foi há muito tempo; foi ontem.

Ah, eu me lembro do amor.

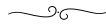


Este canto, no meio do lance principal da escada, é o meu favorito.

É uma casa estranha, construída com a intenção de ser confusa. Escadas que viram em ângulos incomuns, cheias de quinas e degraus irregulares; janelas que não se alinham, não importa com quanta atenção se olhe; tábuas de assoalho e painéis de parede com esconderijos criativos.

Neste canto há um calor quase sobrenatural. Todos nós percebemos isso quando chegamos e, nas primeiras semanas de verão, nos revezávamos tentando descobrir a causa.

Levei algum tempo, mas finalmente descobri. Conheço este lugar como a palma da minha mão.



Não era a casa em si, mas a luz, que Edward usava para instigar os outros. Em dias claros, das janelas do sótão pode-se ver desde o rio Tâmis até as montanhas de Gales. Faixas de violeta e verde, escarpas de calcário que se erguem incertas em direção às nuvens e um ar quente que empresta uma iridescência ao conjunto.

A proposta que ele fazia era esta: no verão, um mês inteiro de pintura e poesia e piqueniques, de histórias e ciência e invenções. De luz, só a enviada pelo céu. Longe de Londres e de olhares indiscretos. Não surpreende que os outros aceitassem com entusiasmo. Edward conseguiria pôr o diabo para rezar, se assim desejasse.

Somente para mim ele confessou sua outra razão para vir para cá. Porque, embora a atratividade da luz fosse real, Edward tinha um segredo.



Vimos a pé da estação ferroviária.

Julho, um dia perfeito de verão. Uma brisa soprava a barra da minha saia. Enquanto caminhávamos, comemos sanduíches que alguém levara. Devíamos formar um grupo e tanto: homens com as gravatas afrouxadas, mulheres com longos cabelos soltos. Risos, provocações, diversão.

Que começo magnífico! Lembro-me do ruído de um riacho próximo e de um pombo arrulhando no alto. Um homem conduzindo um cavalo, uma carroça com um menino sentado sobre fardos de palha, o cheiro de grama recém-cortada... Ah, que saudade desse cheiro! Um bando de gansos gordos nos observou com desdém quando alcançamos o rio, para então grasnarem bravamente depois que passamos.

Tudo era leve, mas não durou muito.

Você já sabe disso, pois não haveria história para contar se o clima ameno houvesse durado. Ninguém está interessado em verões tranquilos e felizes que terminam como começam. Edward me ensinou isso.



O isolamento teve seu papel; esta casa encalhada na margem do rio como um grande navio. O clima também: os dias de calor abrasador, um após outro, e depois a tempestade de verão naquela noite, que nos obrigou a ficar dentro de casa.

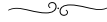
O vento soprava e as árvores gemiam, e trovões avançavam ao longo do rio para tomar a casa entre suas garras. Enquanto isso, lá dentro, a conversa se voltou para espíritos e encantamentos. O fogo crepitava na lareira, as chamas das velas bruxuleavam e, na escuridão, naquela atmosfera deliciosa de medo e confissão, algo maligno foi evocado.

Não um fantasma, ah, não, nada disso – o ato infame foi inteiramente humano.

Dois convidados inesperados.

Dois segredos de longa data.

Um tiro no escuro.



A luz se apagou e tudo ficou preto.

O verão havia sido contaminado. As primeiras folhas começaram a cair, apodrecendo nas poças sob as sebes minguadas, e Edward, que amava aquela casa, passou a espreitar seus corredores, aprisionado.

Até que não aguentou mais. Arrumou suas coisas para partir, e não pude detê-lo.

Os outros o seguiram, como sempre faziam.

E eu? Não tive escolha. Fiquei para trás.



## CAPÍTULO 1

### *Verão de 2017*

Era a hora do dia favorita de Elodie Winslow. Verão em Londres, e em certo momento, bem no fim da tarde, o sol parecia hesitar em sua passagem pelo céu e a luz se derramava através das pequenas lajotas de vidro diretamente sobre sua mesa. O melhor de tudo era que, como Margot e o Sr. Pendleton já tinham ido embora, o momento era só dela.

O porão da Stratton, Cadwell & Co., sediada em um prédio na Strand, não era um lugar dos mais encantadores, não como a sala de arquivo da New College, onde Elodie havia trabalhado durante as férias no ano em que completara o mestrado. Estava sempre frio – sempre –, de modo que, mesmo durante uma onda de calor como aquela, Elodie precisava usar um cardigã quando estava à sua mesa. Mas até que às vezes, quando as estrelas se alinhavam, o escritório, com seu cheiro de poeira, de coisa velha e das águas do Tâmis, era quase fascinante.

Na estreita copa atrás da parede de armários, Elodie encheu uma caneca de água fumegante e ligou o cronômetro. Margot achava aquela precisão um exagero, mas Elodie gostava que seu chá ficasse exatamente três minutos e meio em infusão.

Enquanto esperava – grãos de areia caindo na ampulheta –, seus pensamentos retornaram à mensagem de Pippa. Vira a mensagem no celular quando dera um pulinho do outro lado da rua para comprar o sanduíche do almoço: um convite para uma festa que lhe parecia tão tentadora quanto aguardar atendimento num consultório médico. Felizmente, como já tinha planos – visitar o pai em Hampstead para buscar as gravações que ele havia separado para ela –, foi poupada de ter que inventar uma desculpa para não ir.

Dizer não para Pippa era uma tarefa difícil. Afinal, era sua melhor amiga desde o terceiro ano do ensino fundamental, em Pineoaks. Elodie sempre agradecia mentalmente à professora, Srta. Perry, por ter feito as duas se sentarem juntas naquele primeiro dia de aula: Elodie, a Menina Nova,

ainda desajeitada com seu uniforme e as tranças tortas feitas pelo pai; e Pippa, com seu sorriso enorme, suas covinhas e mãos que se mexiam sem parar enquanto ela falava.

As duas eram inseparáveis desde então. Ensino fundamental, ensino médio e até depois, quando Elodie foi para a Universidade de Oxford e Pippa, para a Central Saint Martins. Elas se viam menos agora, mas isso era de esperar, pois o mundo das artes era agitado e cheio de eventos sociais, e Pippa enchia o celular de Elodie com um fluxo interminável de convites enquanto ia de um vernissage a outro.

O mundo dos arquivos, ao contrário, não tinha *nada* de agitado. Quer dizer, não no sentido glamouroso de Pippa. Elodie trabalhava longas horas e interagia com diversos seres humanos – eles só não eram vivos. Os primeiros Sr. Stratton e Sr. Cadwell haviam percorrido o mundo em uma época em que o globo estava apenas começando a encolher e a invenção do telefone ainda não havia reduzido a dependência em relação à correspondência escrita. Dessa forma, Elodie passava seus dias conversando com os artefatos empoeirados e envelhecidos de pessoas mortas havia muito, mergulhada na narrativa de uma festa no Expresso do Oriente ou no encontro entre aventureiros vitorianos em busca da Passagem do Noroeste.

Esse envolvimento social através do tempo a deixava muito feliz. Era bem verdade que ela não tinha muitos amigos, não de carne e osso, mas isso não a chateava. Era cansativo, tantos sorrisos, tantas conversas e tantas especulações sobre o clima, e ela sempre saía de um evento social, por mais íntimo que fosse, se sentindo exausta, como se, sem querer, tivesse deixado para trás algumas camadas vitais de si mesma que nunca mais recuperaria.

Elodie tirou o saquinho de chá da água, espremeu-o na pia e acrescentou um pouco de leite.

Levando a caneca, voltou para sua mesa, onde os prismas de luz do sol da tarde começavam seu lento avanço diário, e, enquanto o vapor subia voluptuosamente e suas mãos esquentavam, verificou as tarefas restantes do dia. Ela estava no meio da compilação de um índice sobre o relato do jovem James Stratton acerca de sua viagem de 1893 à costa oeste da África, precisava escrever um artigo para a revista *Stratton, Cadwell & Co. Monthly* e o Sr. Pendleton a havia encarregado de revisar o catálogo da próxima exposição antes de ser impresso.

Só que o cérebro de Elodie estava exausto depois de um dia inteiro tomando decisões sobre palavras e sua ordem nas frases. Foi quando seu

olhar recaiu sobre a caixa de papelão no chão, debaixo da mesa. Estava ali desde a tarde de segunda-feira, quando um problema no encanamento nos escritórios do andar de cima exigira a evacuação imediata da antiga chapelaria, um equívoco arquitetônico, de teto baixo, no qual Elodie não se lembrava de ter entrado uma única vez nos dez anos em que trabalhava naquele edifício. Havia encontrado a caixa nos fundos de uma antiquíssima cômoda com espelho, embaixo de uma pilha de cortinas de brocado empoeiradas. Uma etiqueta manuscrita colada na tampa dizia “Conteúdo da gaveta da escrivania do sótão, 1966 – não catalogado”.

Encontrar materiais de arquivo na chapelaria desativada, e ainda por cima muitas décadas depois de terem sido entregues, foi inquietante, e a reação do Sr. Pendleton foi previsivelmente explosiva. Ele era um defensor dos procedimentos e, por sorte – Elodie e Margot concordaram mais tarde –, quem quer que tivesse sido o responsável pelo recebimento daquela caixa, em 1966, tinha deixado o emprego havia muito tempo.

O momento não poderia ter sido pior: desde que o consultor de gestão fora enviado para “enxugar os excessos”, o Sr. Pendleton estava uma pilha de nervos. Ter seu espaço físico invadido já era bem ruim, mas o insulto de ter sua eficiência questionada passara de todos os limites. “É como se alguém pedisse seu relógio emprestado para lhe dizer a hora”, afirmara ele, com desgosto, depois de se reunirem com o consultor certa manhã.

Já que o inesperado aparecimento da caixa quase o deixou apoplético, Elodie – que gostava tanto de desarmonia quanto de desordem – pegou-a imediatamente e a escondeu, determinada a dar um jeito nas coisas.

Nos dias seguintes, ela teve o cuidado de manter a caixa fora de vista para não provocar outra explosão, mas agora, sozinha na sala silenciosa, ajoelhou-se no tapete e a puxou de seu esconderijo...



As pontadas de luz repentinas foram um choque, e a bolsa-carteiro, apertada no fundo da caixa, exalou um cheiro estranho. A jornada tinha sido longa e visivelmente cansativa. As bordas estavam desgastadas, as fivelas, manchadas, e um inoportuno cheiro de mofo havia se espalhado em suas profundezas. Quanto à poeira, uma pátina opaca havia se formado na superfície outrora elegante e agora aquele era o tipo de bolsa que as pessoas

seguravam com o braço esticado, inclinando a cabeça enquanto avaliavam as possibilidades. Velha demais para ser usada, mas o ar indefinido de qualidade histórica impedia que a descartassem.

Aquela bolsa já havia sido amada, admirada por sua elegância – e, mais importante, por sua função. Tinha sido indispensável para uma pessoa, em uma época em que tais atributos eram muito valorizados. Desde então, havia sido escondida e ignorada, recuperada e desprezada, perdida, encontrada e esquecida.

Agora, porém, um por um, os itens que por décadas ficaram em cima da bolsa estavam sendo retirados, e a bolsa também estava finalmente ressurgindo naquela sala de zumbidos elétricos e tique-taques. De luz amarela difusa, luvas brancas macias e cheiro de papel.

Do outro lado das luvas havia uma mulher: jovem, com braços ligeiramente morenos que levavam a um pescoço delicado, sustentando um rosto emoldurado por cabelos pretos curtos. Ela segurava a bolsa a certa distância do corpo, mas não com aversão.

Seu toque era gentil. A boca formava um biquinho de interesse e os olhos cinzentos se estreitaram, mas logo se arregalaram quando ela observou as bordas costuradas à mão, o fino algodão indiano e as linhas precisas.

Ela passou o polegar suavemente sobre as iniciais na aba da frente, desbotada e triste, e a bolsa sentiu um frisson de prazer. De alguma forma, a atenção da jovem sugeria que aquela jornada inesperadamente longa poderia estar chegando ao fim.

*Abra-me, incitou a bolsa. Olhe aqui dentro.*



Houvera uma época em que a bolsa fora brilhante e nova. Feita sob encomenda pelo próprio Sr. Simms, da W. Simms & Son, fabricante com título de excelência real na Bond Street. As iniciais douradas tinham sido talhadas à mão e seladas a quente com muita pompa; cada rebite prateado e cada fivela foram selecionados, inspecionados e polidos; o couro de boa qualidade fora cortado e costurado com cuidado, oleado e polido com orgulho. Especiarias do Extremo Oriente – cravo, sândalo e açafreão – vindas da perfumaria ao lado penetraram os veios do edifício, infundindo na bolsa uma pitada de lugares distantes.

*Abra-me...*

Quando a mulher de luvas brancas abriu a fivela prateada, a bolsa prendeu a respiração.

*Abra-me, abra-me, abra-me...*

Ela levantou a faixa de couro e, pela primeira vez em mais de um século, a luz inundou os cantos escuros da bolsa.

Uma enxurrada de lembranças – fragmentadas, confusas – chegou com a luz: um sino tocando acima da porta da W. Simms & Son; o farfalhar das saias de uma jovem; o bater dos cascos de cavalos; o cheiro de tinta fresca e aguarrás; calor, luxúria, sussurros. Lamparinas a gás em estações ferroviárias; um rio longo e sinuoso; o cheiro de trigo do verão...

As mãos enluvadas se afastaram, levando com elas o conteúdo da bolsa. As velhas sensações, vozes e impressões foram embora, e tudo finalmente ficou vazio e silencioso. Estava acabado.



Elodie depositou o conteúdo no colo e colocou a bolsa de lado. Era uma peça bonita, que não combinava com os outros itens que ela encontrara na caixa: um sortimento banal de material de escritório – furador, frasco de tinta, organizador de madeira para guardar canetas e cliques de papel – e um estojo de óculos de couro de crocodilo, que a etiqueta do fabricante anunciava como “propriedade de L. S-W”. Esse detalhe fez Elodie suspeitar que a escrivãzinha e tudo que havia dentro dela haviam pertencido a Lesley Stratton-Wood, sobrinha-neta do primeiro James Stratton. A época coincide – Lesley Stratton-Wood morreria na década de 1960 –, e isso explicaria a entrega da caixa à Stratton, Cadwell & Co.

A bolsa, no entanto, era antiga demais para ter pertencido à Sra. Stratton-Wood (a menos que fosse uma réplica da mais alta qualidade): os itens dentro dela pareciam anteriores ao século XX. Uma olhada preliminar revelou um diário de capa preta e borda lateral marmorizada, com um monograma (E. J. R.); um estojo de latão para canetas, de meados da era vitoriana; e um porta-documentos de couro verde desbotado. À primeira vista, não havia como saber a quem a bolsa pertencera, mas, por baixo da aba frontal do porta-documentos, a etiqueta com o selo dourado dizia “James W. Stratton, Advogado. Londres, 1861”.

O porta-documentos parecia vazio, mas, quando Elodie o abriu, um único objeto aguardava lá dentro. Era a foto de uma mulher em uma delicada moldura prateada, tão pequena que cabia em sua mão. Ela era jovem, de cabelos longos, claros mas não louros, uma parte presa em um coque alto e frouxo; seu olhar era resoluto, o queixo levemente erguido, as maçãs do rosto salientes. Seus lábios demonstravam uma inteligente determinação, talvez até com um toque desafiador.

Elodie sentiu uma agitação familiar de ansiedade ao ver os tons sépia, a promessa de uma vida aguardando ser redescoberta. O vestido da mulher era mais folgado do que o esperado para o período. O tecido branco cobrindo os ombros, decote em V. As mangas diáfanos e bufantes, uma delas erguida até o cotovelo. Seu pulso era fino, a mão na cintura acentuando a curva do corpo.

O ambiente retratado na foto era tão incomum quanto a mulher, pois ela não posava em um sofá ou diante de uma cortina cênica, como seria de esperar de um retrato vitoriano. Estava ao ar livre, cercada por densa vegetação, um cenário que sugeria movimento e vida. A luz era difusa, o efeito, inebriante.

Elodie deixou a foto de lado e pegou o diário com o monograma. Ele se abriu revelando grossas páginas cor de creme, de um papel caro feito de algodão; havia algumas frases em caligrafia bonita, mas eram apenas complementos para os muitos esboços em caneta e tinta, representando pessoas, paisagens e outros objetos de interesse. Então não era um diário, mas um caderno de desenho.

Um fragmento de papel diferente, arrancado de algum outro caderno, escorregou de seu esconderijo entre duas folhas. Uma única frase o percorria: *Eu a amo, amo, amo, e, se não puder tê-la, certamente enlouquecerei, pois, quando não estou com ela, temo...*

As palavras saltaram do papel como se tivessem sido ditas em voz alta, mas, quando Elodie virou a página, não encontrou o que seu autor temia.

Ela passou a ponta dos dedos enluvados sobre as letras. Quando erguido contra o último vestígio de sol, o papel revelou suas fibras, e minúsculos pontos de luz indicaram onde a ponta fina da caneta-tinteiro havia perfurado a folha.

Delicadamente, Elodie colocou o pedaço irregular de papel de volta entre as folhas do caderno de desenho.

Embora antiga, a urgência daquela mensagem era inquietante: falava com intensidade sobre assuntos inacabados.

Elodie continuou a folhear cuidadosamente as páginas, cada uma delas repleta de estudos hachurados, com esparsos retratos de perfil esboçados nas margens.

Então parou.

Aquele esboço era mais elaborado que os outros, mais completo. Uma cena num rio, com uma árvore em primeiro plano e uma floresta distante, ao fim de um campo vasto. Atrás de um bosque, do lado direito, via-se a silhueta do telhado de uma casa, com duas cumeeiras, oito chaminés e um cata-vento ornamentado com sol, lua e outros elementos celestes.

Era um desenho finalizado, mas não foi isso que prendeu o olhar de Elodie. Ela teve uma sensação de *déjà-vu* tão forte que provocou uma pressão física no peito.

Ela conhecia aquele lugar. A lembrança era tão vívida quanto se tivesse estado lá, mas, de alguma forma, Elodie sabia que era um local que visitara apenas em sua mente.

Foi quando as palavras lhe ocorreram, tão claras quanto o canto dos pássaros ao amanhecer: *Descendo a trilha sinuosa e atravessando o prado, para o rio eles foram com seus segredos e sua espada.*

Então lembrou. Era uma história que a mãe lhe contava. Uma história de ninar, fantasiosa e confusa, repleta de heróis, vilões e uma rainha das fadas, ambientada em uma casa no meio da floresta escura contornada por um rio longo e sinuoso.

Só que nunca houvera um livro com ilustrações. A mãe contava a história oralmente, as duas lado a lado em sua cama da infância, no quarto de teto inclinado...

O relógio de parede soou, baixo e premonitório, na sala do Sr. Pendleton, e Elodie olhou para o seu no pulso. Estava atrasada. O tempo havia perdido a forma novamente, sua flecha se desfazendo em pó ao seu redor. Depois de olhar uma última vez a paisagem estranhamente familiar, devolveu para a caixa o caderno e todo o restante, colocou a tampa e a empurrou de volta para debaixo da mesa.

Tinha pegado suas coisas e já estava trancando a porta do departamento para ir embora quando lhe veio o impulso avassalador. Incapaz de resistir, ela voltou correndo até a caixa, pegou o caderno de desenho e o enfiou na bolsa.

## CONHEÇA OS LIVROS DA AUTORA

A casa do lago  
O jardim esquecido  
A prisioneira do tempo

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site. Além de informações sobre os  
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

